

Brasileiros na Guiana francesa

Novas migrações internacionais ou exportação de tensões sociais na Amazônia?*

O Brasil, do ponto de vista estritamente demográfico, não pode ser considerado um país de emigrantes. O número de saídas é irrisório se comparado com o crescimento regular da sua população (IBGE 1991). Sua formação social, entretanto, sempre foi marcada por fortes deslocamentos populacionais em seu território continental, resultado de uma ocupação européia que se iniciou no litoral atlântico e chegou, para oeste, até o Maraion¹ e, como consequência, de um processo de exploração econômica, primeiro mercantilista e depois agro-exportador que perdurou até os anos trinta deste século². Sua expansão territorial está ligada a uma forte migração interna, no que a pesquisadora Regina Santos (1994) chama de « uma peregrinação sem fim » com forte influência no contexto extremamente adverso e complexo da realidade brasileira atual.

O Brasil pode ser considerado ainda um país de relevante imigração internacional, tendo recebido, a partir de século XIX, grandes contingentes de portugueses, espanhóis, italianos, alemães, japoneses, sírio-libaneses, judeus-marroquinos e, embora não se possam considerar como imigrantes, enormes levas de etnias africanas trazidas compulsoriamente ao longo de quase três séculos.

Este fluxo de chegada, contudo, tem decaído acentuadamente no último quartel deste século face as condições macroeconômicas do país (Santos 1994 : 7). Um fluxo de imigração, hoje menor, ainda persiste nas áreas de maiores oportunidades comerciais das grandes metrópoles como Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Foz do Iguaçu e Porto Alegre (*ibid* : 12).

* Este artigo informa sobre alguns dos resultados alcançados na pesquisa « A colônia brasileira na Guiana francesa : relações interétnicas, fronteiras e construção de alteridades », realizada pelo Núcleo de altos estudos amazônicos (NAEA) como parte do Programa internacional de mestrado em planejamento do desenvolvimento - PLADES da universidade federal do Pará, Brasil.

1. Esta é a denominação da nascente do rio Amazonas no território peruano.
2. Sobre a formação econômica do Brasil queiram conferir as obras clássicas de Celso Furtado (1967) e Caio Prado Jr (1994).

Migrações internas e expansão de fronteiras

As migrações internas no Brasil, além de sua problemática demográfica, são tradicionalmente abordadas sob a ótica da expansão da fronteira onde a Amazônia passa a ser « o último refúgio » cuja ocupação mereceu a preocupação de numerosos estudiosos de diversas áreas das ciências sociais. A ocupação do espaço amazônico brasileiro, de fato, ocorre não sem grandes conflitos interétnicos, opressão humana, apropriação « indevida » da terra, sistemas agrários antagônicos, tecnologias primitivas e modernas, populações tradicionais *versus* imigrantes, intervenção governamental e repressão policial, tendo como pano de fundo a antiga luta pela terra no Brasil, situações características das regiões fronteiriças. O conceito de fronteira, portanto, assume importância basilar para o discernimento do processo de ocupação amazônica quando considerada como área limite no deslocamento de populações e das relações sociais que se conformam nessa área.

Para José de Sousa Martins (1997), o que há de mais relevante para caracterizar e definir a fronteira no Brasil é, justamente, a situação de conflito social ; na sua interpretação, nesse conflito a fronteira é essencialmente um lugar de alteridade, o que faz dela uma realidade singular (Martins 1997 : 150). Para este estudioso, « a fronteira deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, quando a alteridade original e mortal dá lugar a alteridade política, quando o outro se torna parte antagônica de nós. Quando a história passa a ser a nossa história, a história da nossa diversidade e pluralidade, e nós já não somos nós mesmos porque somos antropofagicamente nós e o outro que devoramos e nos devorou » (Martins 1997 : 151).

Quando confrontamos as formulações de Martins sobre o conceito de fronteira com o fenômeno da emigração brasileira que se dá hoje para a Guiana francesa, emerge a questão se estas são aplicáveis a análise social daquele fenômeno migratório específico uma vez que esta saída é um fenômeno premeditado, que envolve uma logística complexa e muitas das vezes arriscada, num típico movimento urbano-urbano, e não se caracterizaria como um transbordar de uma fronteira demográfica e econômica a deparar-se com um sistema político, social e cultural distinto do contexto a que estava originariamente submetido e que motivara sua « expansão ».

Tratar-se-ia, pelas nossas observações, de um outro processo migracional, no que alguns estudiosos convencionaram chamar de « novas migrações internacionais » uma vez que, neste caso, não há conflito social relevante (pelo menos na área receptora) e quando há, são plenamente moldados (ou minimizados) pelo padrão sócioeconômico do território de recepção. Ou, de outra forma, poderia o território do Guiana francesa ser considerado uma nova fronteira econômica para os brasileiros emigrados ou apenas um ponto de contato ?

Primeiramente precisamos definir se a área principal de imigração brasileira para a Guiana francesa caracterizar-se-ia como fronteira econômica dada a sua conformação social em relação ao Brasil. Se todo fenômeno migratório na Amazônia é necessariamente uma expansão de fronteira, entendendo-se expansão de fronteira pelo « apontamento de populações distintas e oriundas de áreas imediatamente anteriores à áreas limites, conformando relações sociais antagônicas com conflitos sociais inerentes às

contradições dos tempos históricos das diversas populações em interação » (Martins 1997 : 154). Para prosseguirmos nossa análise, entretanto, é preciso reconhecer a existência desse tipo de migração como uma expansão de fronteira na Amazônia, como identificou o antropólogo Alfredo Wagner Berno de Almeida num artigo para a revista *Travessia* (Almeida 1995) em análise das migrações internacionais na Amazônia, no que ele considera como uma « relativização do princípio de nacionalidade seguindo os preceitos de Eric J. Hobsbawm » (1990 : 52). Para Almeida, este fenômeno migratório, « antes de ser uma decisão de aparatos de Estado, que priorizam a integração de mercados e a internacionalização da economia, são práticas necessárias a alguns segmentos sociais, apoiados em unidades de trabalho familiar e referidos a circuitos mercantis diferenciados, agrícolas e extrativistas ». Ele considera esses deslocamentos « enquanto subproduto de políticas públicas que conjugam interesses quase explícitos de não realização de uma reforma agrária, baseado em preceitos que adiam as demarcações das terras indígenas e não lhes asseguram o direito de posse ». Segundo ainda Berno de Almeida, « uma das conseqüências mais significativas dessa indecisão oficial foi as ocorrências de seringueiros, garimpeiros e pequenos produtores agrícolas (posseiros arrendatários e meeiros) adentrando territórios de países limítrofes, tanto nas áreas do Projeto Calha Norte e do Programa de fronteiras da Amazônia ocidental (PROFAO), quanto nas áreas do chamado Cone Sul ». Para o autor, « este fenômeno não se enquadra nas chamadas migrações internacionais mas em um intenso processo de expropriação que pode ser designado como exportação de tensões sociais, causadas principalmente pelo avanço da concentração fundiária e a paralisação dos mecanismos de arbitragem direta dos conflitos, o que fazem dessas regiões limítrofes, válvulas de escape potenciais para os problemas da estrutura agrária, como se elas, idealmente, pudessem se constituir numa fronteira agrícola ».

Nas bordas fronteiriças da Amazônia brasileira há, sem dúvida, conflitos desse gênero que podem ser identificados mais pelas notas da imprensa do que por estudos acadêmicos, como mostra o quadro a seguir.

Há, contudo, hoje em dia, um fato social novo na dinâmica populacional brasileira, representado pelo fenômeno migratório transnacional de grandes contingentes em direção às cidades de países de industrialização avançada, especialmente os EUA, a Europa ocidental e o Japão.

O Instituto brasileiro de pesquisa aplicada Vox Populi, em levantamento realizado em 1998, revelou que um em cada cinco brasileiros (mais exatamente 21 %) gostaria de morar em outro país se tivesse recursos³ « Esta massa de emigrantes já atingiu uma cifra notável com uma população em torno de 1,5 milhões de brasileiros vivendo em cidades do exterior, havendo hoje mais de 300 cidades fora do Brasil com mais de 100 000 brasileiros »⁴. « A Guiana é onde 25 000 brasileiros resolveram buscar ordem e progresso »⁵ – cerca de um quinto da população daquele departamento de ultra-mar da França.

3. *Veja* (São Paulo), « Os brasileiros vão à luta : Bye-bye, Brasil », 16 de março de 1998 : 36-38.
Veja, 29 de julho de 1998 : 33.

4. *Veja*, 3 de abril, 1996 : 26-29.

5. *Veja*, 10 de julho de 1996 : 54-55.

Quadro — ALGUMAS OCORRÊNCIAS DE CONFLITOS E TENSÕES NAS FRONTEIRAS INTERNACIONAIS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

<i>País</i>	<i>Ocorrência</i>	<i>Local</i>	<i>Data</i>	<i>Número de brasileiros envolvidos</i>	<i>Atividade</i>	<i>Desdobramento</i>	<i>Fonte</i>
Venezuela	Índios Macuxis e Igaricós bloquearam estradas estaduais para impedir entrada de garimpeiros	Fronteira da Venezuela com o Suriname	14 de Março de 1994	Garimpo ilegal	<i>Folha de São Paulo</i> , 15 de Março de 1994
Venezuela	Garimpeiro brasileiro morto e dois detidos em confronto com a Guarda nacional da Venezuela	Serra do Parima	1º de Abril de 1994	Dezenas	Garimpo ilegal	<i>Jornal do Brasil</i> , 4 de Abril de 1994
Bolívia	« Escorraçados de suas terras » pelos pecuaristas que compraram os seringais, seringueiros acreanos « fogem para a Bolívia ».	Centenas	Extração do Latex da <i>Hevea Brasilienses</i>	<i>Jornal do Brasil</i> 23 de Junho de 1974 e 24 de Junho de 1974
Guiana francesa	Garimpeiros invadiram território da Guiana	Fronteira Brasil-Guiana francesa	Março de 1991	140	Garimpeiros	Expulsos	<i>Folha de São Paulo</i> , 30 de Março de 1991
Suriname	Mulheres levadas para a prostituição	Paramaribo	Julho de 1994	Centenas	Prostituição	Interpelação da embaixada do Brasil ao governo do Suriname	<i>O Liberal</i> 14 de Abril de 1993
República da Guiana	5 mil garimpeiros brasileiros extraem ouro e diamantes em terras guianenses	Arnika (Rep. da Guiana), 13 km da fronteira norte do Brasil, próximo ao município de Normandia (RR)	5 000	Garimpeiros	<i>Jornal do Brasil</i> 16 de Janeiro de 1990

Fonte : Adaptação de ALMEIDA, 1995 : 29.

Este é, sem dúvida, um novo quadro na demografia nacional configurando-se numa absolutamente original questão social : a centena de milhares de migrantes brasileiros vivendo no exterior na busca de melhores ganhos salariais, melhoras recompensas sociais e um refúgio de uma realidade que lhes é cruel em sua nação de origem, como reporta Tereza Sales :

« ... estamos fugindo de nossa década perdida pelos portões de embarque dos aeroportos internacionais. As migrações recentes de brasileiros para os Estados Unidos, para o Japão, para Portugal, para a Itália e até mesmo para o Paraguai, são o retrato cruel de um Brasil que, se na passagem do século passado e as primeiras décadas do atual recebia imigrantes que para aqui trouxeram o seu legado de técnica e cultura, agora, na passagem para um novo século, começa a exportar o que há de melhor em seu território : o seu povo. [...] A história desses novos fluxos de migração de brasileiros tem especificidade dependendo do local de destino para onde se dirigem. [...] Devido às próprias condições que motivaram mais imediatamente os fluxos de emigração de brasileiros para o exterior – a recessão econômica, as esperanças e frustrações da chamada década perdida – é possível que, a um momento conjuntural que se apresente promissor, se possam observar fluxos migratórios de retorno. Certo, porém, é que, uma vez estabelecido o fluxo, dificilmente ele regride totalmente. A tendência, portanto, é de continuidade sobretudo levando em conta as redes sociais e de mercado de trabalho já estabelecidos » (Sales 1995, e 1999 : 5).

Matéria publicada recentemente pelo jornal *O Liberal* de Belém (Brasil), corrobora as observações da Tereza Sales :

« A desvalorização do real em relação ao franco francês e ao dólar vem estimulando a imigração clandestina para a Guiana francesa. O número de brasileiros – clandestinos ou legalizados – que chegam a Caiena vinha diminuindo devido à estabilização econômica no Brasil, mas voltou a crescer há dois meses. Em meados dos anos 1980, Caiena recebia cerca de 150 clandestinos por semana. Nos últimos anos, este número caiu para 20, mas hoje, em torno de 40 pessoas desembarcam semanalmente nas praias da capital da Guiana, apesar da forte repressão policial aos imigrantes em situação irregular.

As autoridades francesas só encontram uma explicação a essa febre migratória : o lucro cambial do franco e, mais recentemente do dólar, em relação ao real. A exemplo do que ocorre com os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, os brasileiros que moram ou trabalham na Guiana francesa estão obtendo mais lucros com a desvalorização do real frente ao dólar, a pesar da moeda guianense ser o franco francês. [...] "Isso compensa os riscos que nós temos por trabalhar longe da nossa família" observa o pedreiro Januário Dias Brazão, 43 anos, que em janeiro, conseguiu mandar para a esposa, em Belém, três mil francos, cerca de R\$ 800,00 – uma pequena fortuna para um operário paraense que não ganha mais de R\$ 200,00 por mês como empregado de uma construção em Belém » (Marinho 1999 : 2).

As hipóteses causais da fuga em massa de brasileiros para o exterior foram de certa forma relatadas por T. Sales no texto acima, e são confirmadas por M.L. Margolis :

« Há várias razões que explicam o crescente fluxo emigratório em um país que não tem história ou tradição em emigração. Os brasileiros da cidade de Nova York como também em qualquer parte dos Estados Unidos são considerados como exilados econômicos fugindo das condições de hiperinflação, desemprego, baixos salários, aumento do custo de vida e de uma situação de constante insegurança econômica no país. Os brasileiros em Nova York freqüentemente se referem a eles mesmos como "imigrantes econômicos", e esta denominação parece apropriada ; cerca de dois terços das pessoas de meu universo de pesquisa mencionaram razões econômico-profissionais para vir para este país. Além do mais, elas sabem muito bem o que foi que as atraiu

para cá : comparados com os empregos no Brasil, os empregos nos Estados Unidos pagam salários suficientes altos, permitindo-lhes poupar uma soma considerável em dinheiro. Pode-se poupar dinheiro e tempo. Inúmeras vezes, contaram-me que no Brasil, depois de vinte anos de trabalho, adquirir uma casa continua sendo um sonho inatingível para muitos, enquanto que nos Estados Unidos, os salários poupados depois de um ano de trabalho podem significar uma entrada para uma casa ou um apartamento. [...] A combinação de salários relativamente baixos, os preços que mudam constantemente devido a inflação galopante e a desnorteante incerteza sobre o que o amanhã trará, provocaram entre muitos brasileiros, uma melancolia inusitada acerca do futuro econômico do país e seu lugar no mesmo » (Margolis 1994 : 23).

Pode-se afirmar agora, sem maiores hesitações, a existência de um fenômeno migratório importante do Brasil para o exterior e que começa transparecer na Amazônia, da mesma forma, pela fuga recente de « amazônidas » para a Guiana francesa. Este fenômeno, entretanto, precisa ser distinguido daquele identificado por A. Almeida no quadro acima. A maioria das ocorrências por ele identificadas estão localizadas nas regiões fronteiriças do Brasil com os países limítrofes, em rincões da selva amazônica e fora de qualquer área minimamente urbana. São regiões, na Amazônia, onde a linha de fronteira nacional entre o Brasil e seus vizinhos só pode ser identificada por especialistas uma vez que a floresta tropical úmida é o cenário e os marcos divisórios são meros diagramas em um mapa.

Por outro lado, em algumas situações, países vizinhos como o Paraguai e a Bolívia incentivaram de diversas maneiras a atração de agricultores brasileiros para o seu território devido a uma certa tradição na plantação de soja dos brasileiros.

Novas migrações internacionais

O que se denomina como novas migrações internacionais possui mecanismos de translação distintos daqueles conhecidos como expansão de fronteira. Nesta nova migração a transferência se dá preponderantemente das áreas urbanas brasileiras para as cidades dos países de industrialização avançada (Sales 1995 ; Margolis 1996). Na sua maioria ilegal, os arranjos e, às vezes, a logística exigida para esta migração são caras, planejadas com antecedência e invariavelmente contam com o apoio de um imigrante precedente, parente ou amigo daquele que deixara o Brasil (Sales 1999).

O marco para essas novas migrações internacionais se deu na segunda metade da década de 1980 (Sales 1999 : 34), correlacionado ao início do período de crise econômica que atravessou o Brasil. Embora os conteúdos causas da saída de brasileiros para o exterior sejam coincidentes nas duas formas : expansão de fronteira e novas migrações internacionais, pois podemos considerar diversos fatores de expulsão semelhantes (desemprego, falta de perspectiva de vida, baixo rendimento salarial, etc.), no segundo caso há uma predominância da migração de jovens na « busca de uma ascensão social que lhes foi barrada no Brasil » (*ibid.* : 32). A participação de grupos oriundos da classe média, mesmo que essa emigração represente um retrocesso do status social que tinham no Brasil, é marcante (*ibid.* : 33). Mas a diferença fundamental entre essas duas posições é que, na segunda, a corrente migratória que se inicia não cria conflitos sociais graves para o país de destino que, como já mencionamos, carece de uma mão-de-obra não especializada para a realização de « serviços gerais » (excluindo-se desse

fato, é claro, a migração de dentistas brasileiros para Portugal), e estão aptos a absorver as possíveis diferenças sociais dos recém-chegados.

Outra característica básica da migração internacional, e que a diferencia da expansão de fronteira, é a construção paulatina de redes sociais de migração (Tilly 1990 : 32). Este fenômeno se inicia pela implantação de núcleos pioneiros de brasileiros no exterior que, após a sua estabilização e adaptação social no país de destino, arregimentam parentes e amigos próximos (Sales 1999 : 17).

Uma análise do tipo histórico-estrutural cuja ênfase recai mais nos países de acolhimento do que nos de origem da migração internacional poderia justificar algumas das razões da saída de brasileiros para o exterior e em especial para a Guiana francesa. Mas temos que admitir que não existe na Guiana francesa qualquer programa oficial do governo da França para atração de brasileiros ou da mão-de-obra brasileira para aquele território. Segundo a revista *Veja* : « Se a mão-de-obra escasseia, fecham os dois olhos. Quando não falta mão-de-obra, fecham a porteira. Assim, a saga dos emigrados brasileiros para aquele território ora ganha uma conotação positiva ora é severamente reprimida dependendo dos interesses do momento »⁶. Podemos afirmar, desta forma, a existência na Guiana francesa de uma política não oficial do tipo gangorra que funcionava aos interesses e conveniências das autoridades locais mas nunca um projeto de atração oficial da mão-de-obra brasileira que se encontrava disponível e com custos baixos bem ao lado da linha demarcadora da fronteira, especialmente das cidades de Macapá e Belém⁷.

O trânsito de brasileiros para a Guiana francesa tem por causa a emergência de dois fenômenos sociais : do lado do país de origem, justificadas pelas más condições macroeconômicas que se apresentaram no Brasil a partir dos anos oitenta, a chamada década perdida, e do lado francês, a ampliação do projeto aéreo espacial europeu na Guiana francesa, marco econômico importante para o desenvolvimento da atividade de serviços naquele departamento de ultra-mar.

Brasileiros na Guiana francesa

Após estudar cerca de 14 áreas possíveis ao redor do mundo, o governo da França decidiu-se por construir seu centro aéreo espacial na Guiana francesa uma vez que sua localização estratégica, próxima a linha do Equador (5° 3 N), possibilita um ângulo ideal para lançamentos de foguetes com órbitas geoestacionárias e o perfil da costa guianense permite lançamentos entre o Norte e a Leste (-10° 5 a +93° 5) com custos operacionais relativamente mais baratos se comparados a outras regiões (CNES 1996 : 1). Entre 1968 e 1988 foram realizados cerca de 450 lançamentos, e o projeto ganhou dimensões industriais a partir da operação do projeto Ariane, quando a França associou-se a Comunidade econômica européia para a lançamento de satélites de comunicação das empresas privadas de diversos países (*ibid.*). Assim, foi criada o ELA 2, « fábrica de lançamento » que necessitou construir

6. *Veja*, 10 de julho de 1996 : 20 (especial : « Acima da linha do Equador »).

7. Na política de migração para a Guiana francesa, os brasileiros, deve se dizer, podem emigrar de forma legal, desde que possuam uma carta de um empregador local que se responsabilize pelo pagamento de seu salário e registros empregatícios legais.

a base permanente de Kourou (78 km a NO de Caiena), envolvendo um grande complexo de construções e aparatos de segurança, além de uma cidade do tipo *Company Town* (Kourou) nos arredores do complexo (*ibid.*). A implantação dessa área de pesquisa e operacionalização de alta tecnologia é um referencial importante para o desenvolvimento sócioeconômico da Guiana francesa. Este fato deu a Guiana uma importância estratégica para a segurança nacional francesa, quando antes era somente geopolítica. E, mais importante, interligou definitivamente aquela região longínqua da metrópole ao sistema econômico francês e provocou um novo fluxo migratório da França para um território que possuía uma população exígua por falta de uma atividade econômica forte, e injetou na região um volume de investimentos antes inimaginável no departamento pela sua importância até então (Giacottino 1984 : 52).

A Guiana francesa carecia de mão-de-obra barata para a construção civil. A diferença cambial entre o cruzeiro (moeda brasileira na década de 1980) era de cinco para um, a favor do franco francês. Isto significava para um operário brasileiro, quando convertia o seu ganho em moeda francesa para a brasileira, um rendimento inimaginável se comparado ao brasileiro. Essa vantagem financeira mais a carência de mão-de-obra na Guiana, impulsionaram os primeiros fluxos migratórios.

A saída de brasileiros, no início, e ainda até hoje, era realizada na sua maioria em barcos de madeira (do tipo amazônico) que se arriscavam em perigosas jornadas pela costa oceânica desde Belém e Macapá até Caiena. Ou se partia desde o Oiapoque (divisa entre a Guiana e o Brasil junto ao Estado do Amapá) em viagem de menor tempo de duração.

A chegada a Caiena é obrigatoriamente realizada a noite, num desembarque na praia próxima a cidade, para fugir do controle migracional. Esses primeiros brasileiros possuíam uma origem sócioeconômica e padrão cultural muito baixos, sendo a maioria semi-analfabeta, e não falavam em absoluto o idioma local, o que lhes causava grandes dificuldades de adaptação ao modo de vida francês, e facilmente podiam ser enganados pelos empreiteiros e sub-empreiteiros no que diz respeito aos seus ganhos e salários.

Alojavam-se em prédios abandonados no centro de Caiena, sem as mínimas condições de higiene, sem luz elétrica ou água encanada, amontoados em quartos abarrotados de redes, onde até 40 pessoas moravam. O interessante é que esses alojamentos, quando vistos de sua fachada, eram mantidos extremamente limpos e sempre recém pintados pela prefeitura, tendo portas e janelas lacradas, efetuando-se o acesso geralmente por um discreto portão lateral, sendo proibido qualquer tipo de barulho⁸.

Todos os dias, ao por do sol, reuniam-se os brasileiros, na Praça das Palmeiras no centro de Caiena, quando os sub-empreiteiros da construção civil contratavam-nos geralmente pela metade do valor do salário mínimo francês.

Os atritos entre esses imigrantes e as autoridades locais só aconteciam quando havia uma denúncia do contratante da mão-de-obra brasileira à polícia. A maioria dos conflitos entre contratante e contratados se dava quando o brasileiro, após algum tempo de permanência em Caiena, descobria que não estava sendo pago de acordo com a lei francesa. Se reclamava, o contratante simplesmente chamava a polícia que o levava preso por ser

8. Notas de campo do autor, 1994.

indocumentado e ilegal em território francês. O destino desses brasileiros era a deportação, via aérea, até a cidade de Macapá, capital do Estado do Amapá, no Brasil, num voo regular de 40 minutos⁹.

Não há no Brasil qualquer estatística sobre a saída de brasileiros para a Guiana francesa, nem o governo francês sabe informar o número exato de brasileiros que lá residem uma vez que a grande maioria imigrou ilegalmente. Estimativas da imprensa brasileira calculam em 25 000 o número de brasileiros na Guiana. Se considerada esta cifra, os brasileiros constituiriam algo como um terço da população total do departamento da Guiana francesa que segundo o último dado censitário possui 140 000 habitantes. O consulado do Brasil em Caiena possui o registro de 10 000 brasileiros documentados e estima em 8 000 os chamados flutuantes¹⁰.

Os brasileiros, na Guiana francesa, somaram-se a uma população local de etnias variadas, fruto do processo de ocupação colonial francês na América do Sul. O guianês é o descendente de escravos trazido principalmente das Caraíbas francesas desde o século XVIII para atender o projeto de exploração econômica daquela região. Há ainda chineses, malaios, haitianos, franceses e africanos provenientes da ex-Guiana holandesa, além de uma população ameríndia espalhada pelo seu território ainda quase que totalmente inexplorado. Todos convivem sob a proteção do Estado francês.

O status político de departamento de ultra-mar deu a Guiana francesa a melhor condição sócioeconômica das Guianas. Pode-se afirmar que sua população nativa possui o mesmo padrão de vida da metrópole, e usufrui dos benefícios sociais de alta qualidade do governo social-democrata da França. O seu custo de vida, no entanto, é sensivelmente mais caro do que na França já que não existe uma produção agrícola local que possa atender sua população. Todos os componentes alimentícios são importados da Europa.

Aparentemente, não há conflitos sociais graves na Guiana francesa com o advento das duas migrações recentes mais importantes : os brasileiros e os haitianos. Este segundo grupo foi oficialmente aceito pelo governo da França naquele departamento por razões humanitárias a partir dos graves conflitos políticos no Haiti nos anos 1980. Ambas as populações, quando oficializadas, usufruem sem problemas dos benefícios sociais franceses disponíveis aos nacionais como saúde e educação gratuitas e outros benefícios das leis trabalhistas francesas.

A partir dos anos noventa, o perfil do brasileiro que emigrou para a Guiana francesa modificou-se um pouco pela entrada de elementos da classe média, com maior nível educacional e provenientes de outras regiões que não da Amazônia brasileira.

Esta nova feição social provocou um novo tipo de articulação entre os indivíduos do segmento brasileiro que, entretanto, carece de maiores estudos. As observações preliminares apontam por uma certa diferenciação no estilo de articulação e convivência entre os brasileiros componentes das classes de origem proletária e aqueles da classe média hoje radicados na Guiana francesa. Esta característica é também observada por Sales (1999 : 54), entre os brasileiros imigrados nos Estados Unidos que não possuem o mesmo nível de ajuda mútua como o que acontece entre os indivíduos de origem hindu ou chinesa naquele país.

9. O bilhete aéreo Caiena/Macapá é pago pelo governo da França.

10. Notas de campo do autor, 2000.

Este novo tipo de convívio entre os elementos do segmento brasileiro na Guiana francesa pode ser observado pelo modo como os dois grupos (o proletário e o de classe média) organizam certas manifestações culturais tipicamente brasileiras como as festas juninas ou o Carnaval. Os pontos de encontro para o lazer são também diferenciados entre as duas classes.

Pelas observações até agora realizadas, podemos distinguir entre os brasileiros residentes na Guiana francesa, quer legal ou ilegalmente, conjuntos de valores distintos. Há aqueles cujos valores são eminentemente burgueses e estão na Guiana, segundo eles, para num curto prazo de tempo (de 4 a 5 anos) juntarem dinheiro suficiente para montarem no Brasil um negócio que lhes possibilite um sustento ao nível de uma classe média. Outros estão na Guiana para obterem um sustento e um padrão de vida que jamais conseguiriam no Brasil pelo seu baixo nível educacional e ganho salarial. Este segundo grupo, entretanto, não possui um projeto de vida bem definido e a maioria acaba por gastar o pouco que lhes resta em dinheiro no final do mês, repetindo o ciclo de empobrecimento a que estavam acostumados no Brasil.

Entretanto, os brasileiros bem sucedidos na Guiana francesa, na sua maioria, já estão ali há mais de dez anos. Chegaram de maneira ilegal, conseguiram um emprego na área de serviços e depois de anos economizando conseguiram abrir um pequeno negócio para si. Suas estratégias mais relatadas para o futuro revelam a vontade de entregar aquele negócio a um parente que viria do Brasil para em seguida abrirem um outro também no Brasil, vindo somente a Guiana a cada seis meses.

Deve-se ressaltar, entretanto, que os brasileiros bem posicionados na Guiana são uma minoria em relação ao total desse segmento populacional. A grande maioria vive com menos de um salário mínimo francês (6 000 FF) e mora em condições ainda precárias.

A grande questão sobre a população brasileira na Guiana está entre aqueles que, embora não tendo nascido na Guiana, estudaram e viveram suas infâncias e adolescências por lá. Esta segunda geração de brasileiros ainda jovens parece refletir de certa forma sua ambigüidade cultural participando de gangs de jovens que correm a cidade de Caiena em motonetas em alta velocidade, pichando paredes e cometendo pequenos delitos.

Para alguns estudiosos como Chérubini (1988) há uma certa creolização da nova geração brasileira em Caiena. Diz-se até que sobre essas fronteiras culturais : « fala-se francês na escola, creolo na rua e estrangeiro em casa » (Reginensi 1993 : 4). Quando questionados sobre sua nacionalidade os Brasileiros da segunda geração se declaram « brasileiros ». Mas poucos querem voltar ao Brasil ou tem ligações mais fortes com o país de origem (*ibid.*).

Os brasileiros não participam da vida política da Guiana francesa ; são pouco articulados entre si e reproduzem naquele território o baixo grau de cidadania a que estavam submetidos no Brasil. Quase todos possuem trabalho e sempre conferem o seu ganho com o correspondente em moeda brasileira, na esperança de economizarem e terem um negócio próprio em sua cidade de origem. Comprar no Brasil um taxi, uma ou duas casas para aluguel são os freqüentes projetos relatados pelos brasileiros (*ibid.*).

A Guiana francesa possui a característica singular de ser hoje um país eminentemente de imigrantes. Os segmentos brasileiros, haitianos e chineses de sua população já ultrapassam grandemente aquele da população nativa (Zonzon & Prost 1977 : 26). A hegemonia política, contudo, ainda permanece entre os creolos remanescentes das primeiras levas de povoadores.

A questão brasileira na Guiana francesa está ainda no seu início. A segunda geração desempenhará um papel importante para o avanço ou retrocesso nesse quadro político e integrativo da Guiana. O traslado de uma sociedade excludente e de poucas chances de ascensão social como o Brasil para aquela de organização democrática forte e economia pungente e industrial, exige do imigrante sérias mudanças de atitudes, de valores que não concebia em sua terra de origem. Poucos, percebe-se, se dão conta disso. Tudo esperam do governo, tudo esperam do consulado brasileiro, todos querem os seus benefícios, poucos se integram com profundidade... Ninguém se sente cidadão. Nem mesmo os lá nascidos. Relatos de quase todos : « No Brasil só se dá bem que tem estudo. Aqui pelo menos ganhamos mais ». É como se dissessem : « continuo não sendo cidadão mas pelo menos aqui ganho condignamente como operário » (*ibid.*).

Há uma enorme ilusão de ascensão social que se realizará algum dia no Brasil, quando voltar « rico » e puder morar em casa de alvenaria, ter seu próprio negócio, ter um carro e ver os filhos em boas escolas privadas. Este retorno triunfal quase nunca se realiza pois não se pode ganhar em francos e ter despesas em reais. É preciso economizar 50% do que ganham com parcimônia durante no mínimo uns dez anos, morar mal, comer mal, não ir ao Brasil. Trabalhar e dormir, é a única rotina possível. Muitos se perdem, se esgotam, caem na bebida, nas drogas e ficam no vai-e-vem entre Macapá e Caiena (*ibid.*). Como preconizou Max Weber, castelos não se constróem com dinheiro mas com valores, resoluções firmadas na base cultural.

O « amazônida » é um « pré-burguês ». Se alguém lhes planejasse a vida para os próximos dez anos... « Ser empregado é melhor que ser patrão ». A realidade fora de seu âmbito cultural e num padrão de vida industrial exige-lhes demais. A racionalidade requerida é extremamente instrumental : produzir, produzir e produzir se quiser guardar alguma coisa. Os chineses parecem realizar isso com aparente facilidade mas da mesma forma escondem uma angustia oriental, taciturna e que os isola dos demais.

Qualquer estudo sobre a convivência interétnica na Guiana francesa, contudo, terá sempre que levar em conta os fundamentos históricos do Estado-nação. Há países fundados eminentemente na imigração como os Estados Unidos e países unitários e centralizados fundados na assimilação como a França. A integração e a própria sobrevivência da Guiana francesa dependerão grandemente do jogo político interno e do papel a ser desempenhado pelo Estado francês. O povo brasileiro de origem amazônica que lá reside deverá de alguma forma adicionar um grau de adaptabilidade ainda desconhecido naquelas plagas. Seria o jeitinho brasileiro com forma de resistência e afirmação.

Maio de 2000

Ronaldo AROUCK

Núcleo de altos estudos amazônicos/
Mestrado em planejamento do desenvolvimento e
Departamento de estudos turísticos
da universidade federal do Pará

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, A.W. Berno de 1995, « Exportações das tensões sociais na Amazônia », *Travessia – Revista do Migrante* (São Paulo), VIII (21), jan.-abril : 28-36.
- CASTOR, E. & OTHILY 1984, *La Guyane. Les grands problèmes, Les solutions possibles*, Paris, Éditions Caribéennes, 338 p.
- CHERUBINI, B. 1994, *Cayenne, ville créole et polyethnique. Essai d'anthropologie urbaine*. Paris, Cenadom/Karthala, 338 p.
- CNES – L'Agence française de l'espace 1996, *Port spatial de l'Europe*, Paris, CNES/ Département de publications, 4 p.
- FURTADO, C. 1967, *Formação econômica do Brasil*. São Paulo, Cia editora nacional, 261 p.
- GIACOTTINO, J.-C. 1984, *Les Guyanes*, Paris, Presses universitaires de France, 128 p.
- HOBBSBAWM, E.J. 1990. *Nações e nacionalidade desde 1780*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 238 p.
- IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA) 1990, *Censo brasileiro*, IBGE, 1257 p.
- MARINHO I. 1999, « Queda do real atrai brasileiros a Caiena », *O Liberal* (Belém – PA), 8 de fev.
- MAM-LAM-FOUK, S. 1996, *Histoire générale de la Guyane française. Les grands problèmes guyanais : permanence et évolution*, Cayenne, Ibis rouge Éditions & Presses universitaires créoles/GEREC (Groupe d'études et de recherches créoles), 258 p.
- MARGOLIS, M.L. 1994, *Little Brazil: Imigrantes Brasileiros em Nova York*, Campinas, Ed. Papirus, 462 p.
- 1995, « A minoria invisível : imigrantes brasileiros em Nova York », *Travessia – Revista do Migrante*, VIII (21), jan.-abril : 9-15.
- MARTINS, J. de Sousa 1997, *Fronteira. A degradação do Outro nos confins do humano*, São Paulo, Hucitec, 243 p.
- PRADO Jr, C. 1994, *Formação do Brasil contemporâneo*, São Paulo, Brasiliense, 389 p.
- REGINENSI, C. 1993, *Rythmes de vie des jeunes en Guyane française : représentations et citoyenneté*, Caiena, 36 p. mimeo. [manuscrito inédito].
- SALES, T. 1992, « Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros : uma revisão bibliográfica e algumas anotações para pesquisa », *Revista brasileira de Estudos da População*, IX (1), jan.-julho : 14-21.
- 1995, « O Brasil no contexto das novas migrações internacionais », *Travessia – Revista do Migrante*, VII (21), jan.-abril de 1995 : 5-8.
- 1999, *Brasileiros longe de casa*, São Paulo, Cortez, 1999, 235 p.
- SANTOS, R. Bega 1997, *Migração no Brasil*, São Paulo, Scipione, 132 p. (« Coleção Ponto de Apoio »).
- TILLY, C. 1990, « Transplanted Networks » in V. YANS-MCLAUGHLIN, *Immigration Reconsidered – History, Sociology and Politics*, Oxford, New Oxford University Press.
- ZONZON, J. & PROST, G. 1997, *Géographie de la Guyane*, Saint-Germain-du-Puy, Servedit, 252 p.